

Dona Maria

... A quinze quilómetros de Lisboa, futura capital da CEE, os 3500 habitantes da aldeia de Dona Maria vivem sem água e sem esgotos em plena democracia de sucesso do professor Cavaco Silva.

Hoje Dona Maria tem na mão, e bem à vista, as suas linhas do futuro. Sabe que se votar à segunda volta poderá eleger um deputado (e um partido) que forçosamente serão seus aliados naturais na Assembleia da República. Teve oportunidade directa de lhes medir o comportamento, pode distingui-los do clientelismo de emergência das forças instaladas que agora se apressam a aquietá-la. Em contrapartida, sabe por experiência vivida do menosprezo a que foi votada pelas autarquias e pela Assembleia dos partidos que até aqui têm tido voz no Poder.

Dona Maria, graças à política, transformou-se num caso nacional porque do seu voto dependem agora não apenas os objectivos locais que lhe interessam directamente

mas alguma correcção da Assembleia que interessa a todo o País. No entanto, o complexo de desconfiança primária do chamado bom povo português ameaça a todo o custo distorcer o processo. Nada de votos, nada de política, proclamam algumas vozes.

Isso não admira, faz parte do abstencionismo fatalista, sem perspectiva. («A minha política é o trabalho», já lá dizia o Velho do Restelo, mascarado de Zé-Povinho com a barriga a dar horas.) E também ali, em Dona Maria, a política é água e esgotos, resumem alguns pragmáticos com pretenza sagacidade.

A verdade é que não será por promessas à meia porta que isso se irá resolver. Sem voz declarada, preto no branco, Dona Maria poderá deixar de se ouvir para a semana, ao abrir das urnas que ficaram vazias.



A MOSCA

José Cardoso Pires